



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTE  
INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
CURSO DE JORNALISMO**

**LIVRO-REPORTAGEM – O NEGRO E A MÍDIA:  
REPRESENTATIVIDADE E RACISMO NA INDÚSTRIA CULTURAL**

**THIAGO LUIZ SOARES DE OLIVEIRA**

**MACEIÓ/AL  
2023**

THIAGO LUIZ SOARES DE OLIVEIRA

**LIVRO REPORTAGEM – O NEGRO E A MÍDIA:  
REPRESENTATIVIDADE E RACISMO NA INDÚSTRIA CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Jornalismo da  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Bacharel em Jornalismo.  
**Orientador:** Prof. Dr. Vitor Braga

**MACEIÓ/AL  
2023**

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Jone Sidney A. de Oliveira – CRB-4 – 1485

O481 Oliveira, Thiago Luiz Soares de

Livro reportagem – o negro e a mídia: representatividade e racismo na indústria cultural / Thiago Luiz Soares de Oliveira. – 2024.  
36 f. : il.

Orientador: Vitor Braga.

Relatório (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 34-35.

Apêndice: f. 36.

1. Jornalismo. 2. Racismo Estrutural. 3. Representatividade – Negra. 4. Indústria Cultural. I. Título.

CDU: 070

## Folha de Aprovação

THIAGO LUIZ SOARES DE OLIVEIRA  
**LIVRO REPORTAGEM – O NEGRO E A MÍDIA:  
REPRESENTATIVIDADE E RACISMO NA INDÚSTRIA CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas, para obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: 07 / 12 / 2023

### Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente  
VITOR JOSE BRAGA MOTA GOMES  
Data: 28/02/2024 09:43:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Vitor José Braga Mota Gomes, Universidade Federal de Alagoas  
(Orientador)

 Documento assinado digitalmente  
MAGNOLIA REJANE ANDRADE DOS SANTOS  
Data: 27/02/2024 14:17:52-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dra. Magnólia Rejane dos Santos, Universidade Federal de Alagoas  
(Examinadora)

 Documento assinado digitalmente  
MICHELE DA SILVA TAVARES  
Data: 27/02/2024 22:11:34-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michele da Silva Tavares, Universidade Federal de Sergipe  
(Examinadora Externa)

Dedico este trabalho a minha avó, Maria de Lourdes, que infelizmente não viveu para ver este momento, mas que com certeza teria bastante orgulho. Suas vivências serviram de inspiração para a escrita do livro.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, pois ele me guiou em todos os processos da minha vida e com este trabalho não foi diferente. Ele sempre enxerga além do que os meus olhos podem ver e tem sido o meu porto seguro estando ao meu lado em todos os momentos, sejam eles de incerteza ou felicidade. Sou grato aos meus pais Tony e Glória que se esforçaram para assegurar que eu recebesse a melhor educação possível, mesmo nos momentos de dificuldade. Por esses esforços me dediquei em fazer o meu melhor sempre.

Agradeço pelo apoio da minha família em ter me encorajado e me ajudado a seguir meus sonhos. Aos meus professores, mestres e educadores que me guiaram em toda a minha trajetória acadêmica, suas participações foram fundamentais para a construção do profissional que sou hoje. Aos meus amigos que me acompanharam durante a graduação, em especial a Ana Clara Pontes, Daphne Silva e Felipe Tenório que foram meus parceiros e grandes motivadores.

Sou grato a todas as pessoas a quem entrevistei para a produção deste livro-reportagem, em especial a Ulisses Arthur, Arísia Barros, Tatiana Tiburcio e Vinícius Almeida. Estes doaram não somente conhecimento mas também parte de suas histórias e vivências para enriquecer as páginas deste trabalho. Suas vozes ressoam como testemunhos valiosos, oferecendo uma perspectiva única e genuína sobre os temas envolvidos. agradeço pela confiança depositada em compartilhar experiências pessoais, por abrir portas para entendermos melhor as complexidades das narrativas que compõem este livro-reportagem.

Ao meu orientador, professor Vitor Braga, que aceitou o desafio para trabalhar o debate racial mesmo não sendo sua área de especialização. Acredito que ambos crescemos com o desenvolvimento deste livro. Obrigado por me conduzir, incentivar e acreditar que eu conseguiria finalizar o projeto.

Agradeço também a nomes que não menciono, mas que desenvolvemos de maneiras diversas, seja através de *insights* valiosos ou apoio emocional. A todos que participaram de forma direta ou indireta no desenvolvimento deste trabalho, enriquecendo o meu processo de aprendizado, muito obrigado!

*Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.*

-Nelson Mandela

## RESUMO

Este trabalho apresenta a descrição do processo de elaboração do livro-reportagem “O Negro e a Mídia - Representatividade e Racismo na Indústria Cultural”, como projeto experimental para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de jornalismo, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). O objetivo é dar visibilidade à problemática do racismo estrutural contido nas produções midiáticas, sejam elas: filmes, séries, novelas e produções infantis; assim como entender como os povos negros foram e são retratados pela mídia. Esperamos que essa obra possa estimular a visão crítica do leitor e contribuir para o debate antirracista, sobretudo nas discussões relacionadas à representatividade e à representação do negro no setor do audiovisual.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem; Jornalismo; Racismo Estrutural; Representatividade; Negro; Indústria Cultural.

## ABSTRACT

This work presents a description of the process of preparing the book-report “The Black and Media – Representation and Racism in the Cultural Industry”, as an experimental project for the Course Completion Work (TCC) in journalism, at the Federal University of Alagoas (UFAL). The objective is to give visibility to the problem of structural racism contained in media productions, be they: films, series, soap operas and children's productions; as well as understanding how black people were and are portrayed by the media. We hope that this work can stimulate the reader's critical vision and contribute to the anti-racist debate, especially in discussions related to representation and the representation of black people in the audiovisual sector.

**Keywords:** Report Book; Journalism; Structural Racism; Representativeness; Black; Cultural Industry.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS.....</b>	<b>5</b>
<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>8</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>15</b>
<b>3. OBJETIVOS.....</b>	<b>17</b>
3.1. Objetivo Geral:.....	17
3.2. Objetivos Específicos:.....	17
<b>4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>18</b>
4.1. Indústria Cultural:.....	18
4.2. Modelo Comunicacional das Mediações:.....	20
<b>5. METODOLOGIA DO LIVRO.....</b>	<b>22</b>
5.1. Pautas:.....	22
5.2. Pesquisa:.....	23
5.3. Entrevistas:.....	23
5.4. Produção:.....	24
5.5. Diagramação/Projeto Gráfico:.....	24
<b>6. CRONOGRAMA.....</b>	<b>31</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Desde a infância sou um grande consumidor de produções da cultura pop, sejam elas de grande repercussão ou não. Como toda criança me comparava com os personagens e queria ser como eles, porém me frustrava ao perceber que não haviam protagonistas com os quais poderia me identificar e nem me sentir representado. Seja em animações, filmes ou séries dificilmente encontrava um personagem negro, e quando este era incluído no enredo dificilmente era um protagonista.

Esse dilema me conduziu a uma busca por entender os motivos pelos quais os negros não apareciam, ou não eram retratados de forma positiva, na mídia. Essa busca me auxiliou a compreender quem eu era, respeitar minhas origens e acima de tudo me aceitar negro.

Os papéis de destaque de grande parte das produções midiáticas, como filmes, séries, novelas, produções infantis, sempre foram predominantemente ocupados por pessoas brancas. O que não seria um problema se isso não fosse parte de uma construção de estereótipos, que carregam desde seus primórdios um DNA completamente racista e especializado em subestimar indivíduos de cor negra. É possível identificar, nessa perspectiva, que historicamente foi construído um padrão étnico-social de indivíduos "que cumprem os requisitos" para assumir o protagonismo de uma personagem ou ocupar uma posição de destaque, em qualquer uma dessas produções.

Por ser processo estrutural, o racismo é também processo histórico. Desse modo, não se pode compreender o racismo apenas como derivação automática dos sistemas econômico e político. A especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social. De tal sorte, quanto ao processo histórico também podemos dizer que o racismo se manifesta:

- a) de forma circunstancial e específica;
- b) em conexão com as transformações sociais.

Já ressaltamos anteriormente o fato de que, apesar da determinação formal de aspectos como a economia, o Estado e o direito (formas sociais), cada sociedade possui uma trajetória singular que dará ao econômico, ao político e ao jurídico particularidades que só podem ser apreendidas quando observadas as respectivas experiências históricas (formações sociais). O mesmo se passa com o racismo, porque as características biológicas ou culturais só são significantes de raça ou gênero em determinadas circunstâncias históricas, portanto, políticas e econômicas.[...] (ALMEIDA, 2019, p. 36).

Desde que os negros receberam a tão sonhada liberdade no Brasil, no século XIX, as pessoas de pele negra tiveram de enfrentar diversas dificuldades. Sofreram todos os preconceitos ao mesmo tempo em que tentavam sobreviver à margem da sociedade.

Convivendo todos os dias inseridos numa sociedade na qual sua presença era ignorada ou até mesmo motivo de ódio, irritação e discriminação.

Isto vem ocorrendo pois o fim da escravidão não consistiu, no nosso país, em um processo emancipatório. Conforme Jessé de Souza (2017), esse momento histórico não foi suficiente para alterar profundamente as estruturas sociais, econômicas e políticas do país. O autor argumenta que a abolição não foi seguida por políticas efetivas de inclusão social e econômica para a população negra, o que resultou na continuidade das desigualdades e na manutenção de uma elite econômica e política predominantemente branca.

A desigualdade social no Brasil é intrinsecamente ligada ao racismo, com a estratificação social sendo moldada pela discriminação racial (SOUZA, 2017). Muitas vezes o racismo se configura mascarado por uma suposta "democracia racial", que, na verdade, serve para ocultar as disparidades socioeconômicas e a discriminação sofrida pela população negra (RIBEIRO, 2018).

A própria palavra “negro” em si pode ser considerada racista a depender do contexto e de sua utilização. Pois, em geral é utilizada como uma conotação negativa como sendo o sinônimo de algo tenebroso, sujo ou assustador como exemplo o termo “magia negra”.

O termo “negro”, geralmente usado pelos “não negros”, tem por base a suposição de que esse é o nome “socialmente mais correto”, tendendo a assumir um tom paternalista, podendo, no entanto, ser encarado como pejorativo até pelos que assim são hetero-designados, consoante as situações, os contextos e os agentes que designam. E, de fato, à luz do sistema cultural ocidental, negro significa perigo, poluente e impuro, por oposição ao termo branco associado à pureza, à limpeza, à perfeição e à imaculabilidade. (MENDES, 2012, p. 108).

Até os dias de hoje, o racismo é evidente na nossa sociedade. Mesmo com as constantes lutas por direitos e reparações, é notável o quanto um indivíduo preto ou pardo tem de se esforçar para ocupar cargos/posições de destaque e protagonismo, em todos os meios. No Brasil, o racismo está ligado à manutenção de uma estrutura de poder que beneficia uma elite econômica, que historicamente se beneficiou da exploração e exclusão das classes mais pobres, majoritariamente compostas por negros e afrodescendentes (SOUZA, 2017).

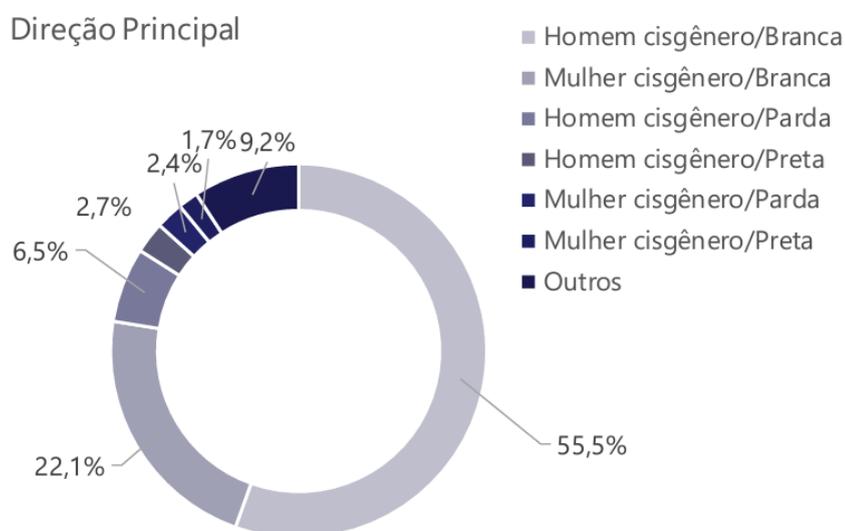
Djamila Ribeiro (2018) entende que o racismo não se limita a atos individuais de discriminação, mas está enraizado nas estruturas sociais e institucionais do país. Dessa forma, destaca a importância de compreender o racismo como um fenômeno complexo, presente em diferentes esferas da vida social, como na educação, no mercado de trabalho, na justiça e na cultura - este último objeto de nosso trabalho.

Para que haja um protagonista negro de fato é necessário que todo o contexto da história seja construído pensando nesta personagem, e não uma adaptação de roteiro de forma a incluir um indivíduo negro como uma cota racial a se cumprir.

A Agência Nacional do Cinema (ANCINE) declarou em 2022, com base em um estudo dos lançamentos de longas-metragens, que o protagonismo branco é o que predomina no mercado cinematográfico brasileiro. Afirmando serem de direção de homens brancos 75,4% das produções. Somente dos filmes 2,1% foram dirigidos por homens negros. A pesquisa ainda aponta que enquanto 19,7% de mulheres brancas assinam a direção dos filmes, nenhuma negra dirigiu ou assinou um roteiro. Esse estudo teve como base as produções exibidas em salas de cinema pelo Brasil e pelo mundo no ano de 2016.

Já em 2023 a Ancine revelou que essa estatística mudou pouca coisa. Como mostra o gráfico abaixo, oriundo de uma pesquisa sobre a Participação por gênero e por raça na direção cinematográfica brasileira entre 2020-2023<sup>1</sup>.

**Figura 1: Gráfico**



Percentual de participação por gênero e raça, por função técnica e ano de inscrição - 2018 a 2021 - Figura: Ancine<sup>2</sup>

Porém, ao que se deve tudo isso? Será um caso isolado no Brasil, onde 56,1% (IBGE) da população se declaram pretas ou pardas, ou isso é um fenômeno que ocorre também nos grandes polos da indústria hollywoodiana? O quanto o jornalismo e a TV estão trabalhando

<sup>1</sup> Disponível em:

<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/Estudo%20genero%20e%20raca%20no%20setor%20audiovisual.pdf>

<sup>2</sup> A categoria 'Outros' inclui pessoas amarelas e indígenas de todos os gêneros, bem como homens e mulheres trans, a categoria 'Outro' para gênero e os dados não informados para gênero ou raça.

para suprir essa grande disparidade relacionada a tais números? Pois, se somente 2,1% das produções foram dirigidas por pessoas negras, quantas dessas produções foram protagonizadas por pessoas com esse fenótipo? Ou seja, o quanto a indústria da mídia tem se preocupado com as questões de raça e o quanto isso é visível em suas produções? Temos uma mídia inclusiva ou cotista? E existe de fato um protagonismo negro?

Podemos interpretar esses dados como consequência de um racismo estrutural. Esse conceito destaca a ideia de que o racismo não é apenas um problema interpessoal, mas sim um problema estrutural que perpetua desigualdades em áreas como o acesso à educação; oportunidades no mercado de trabalho; direito à justiça; programas de assistência social; acesso à saúde de qualidade; e representação e representatividade nas manifestações culturais. O racismo estrutural opera de maneira invisível e muitas vezes internalizada, moldando as oportunidades e experiências de vida das pessoas com base na cor da pele (Almeida, 2019).

Almeida (2019) argumenta que o racismo estrutural é um sistema complexo de desigualdades e opressões que se manifesta de forma sistêmica e persistente. Ele enfatiza que essa forma de racismo não se restringe a atitudes individuais, mas está incorporada nas políticas, leis, práticas e instituições, resultando em desvantagens sistemáticas para grupos racialmente minorizados, especialmente para a população negra. Tal racismo se repercute também no campo da cultura, e mais especificamente nas produções audiovisuais

Tendo em vista a sonoridade evidente dos malefícios causados pelo que eu acredito ser a presença contínua do racismo estrutural, que sempre esteve corrente na sociedade e é refletida nos seus meios de comunicação, é preciso analisar e pesquisar a fundo a temática. Tendo como norte a teoria da **Indústria Cultural**, defendida por Adorno e Horkheimer (1997), e também a teoria das **Mediações** de Jesús Martín-Barbero (1997) serão examinadas produções e produtos nos quais negros tomaram posições importantes, de protagonismo ou apenas foram aplicados de forma pejorativa e/ou para cumprir uma cota racial de aceitação do público.

Esse trabalho será configurado e exposto por meio da produção e diagramação de um **livro-reportagem** que assumirá um formato documental contendo: imagens, documentos, possíveis gráficos, declarações de figuras atuantes ou iniciantes desse mercado.

[Livro-Reportagem Documental] É quando o livro-reportagem faz uso de arquivos e recortes de jornais, revistas, fotografias e qualquer outro tipo de documento para criar uma narrativa, identificar personagens ou provar fatos. O texto encontrado nesse tipo de livro-reportagem aborda os documentos que deram base à publicação, construindo a linha narrativa.

Esse é o tipo de livro-reportagem em que os arquivos serão predominantes na composição do miolo do livro, misturando-se facilmente com o texto e, algumas vezes, abrindo textos somente de explicações sobre os documentos. Esse recurso se faz necessário quando o autor propõe uma investigação em que tempo-espaço-tema são muito distantes ou poderiam causar estranheza ao leitor, mas que com a apresentação de mapas, ilustrações, documentos e fotos criam uma atmosfera que elucida e norteia a leitura. (OLIVEIRA, 2017, p. 40).

De acordo com Israel Dias de Oliveira, autor do livro: *Elementos do livro-reportagem: conceitos básicos do processo editorial para estudantes de jornalismo e jornalistas independentes*, o tipo de livro-reportagem documental é um dos que mais se destacam entre as produções de livros deste gênero. Esse tipo de livro possibilita trabalhar com vários conteúdos e pautas sequenciais, seguindo a mesma linha e que não precisam necessariamente ser um fato recente.

Se pretende com a produção deste material, não só apresentar o contexto do negro e de sua inserção nos produtos midiáticos, mas também sinalizar e alertar como a mídia pode ainda ser infeliz nesse aspecto, ao mesmo tempo em que se combate o preconceito e o racismo trazendo a tona o valor do povo negro e sua capacidade e competência em atuar em qualquer lugar na área da comunicação.

## 2. JUSTIFICATIVA

O cenário que o racismo proporcionou na história vai muito mais além das confusões envolvendo ataques, insultos, agressões e até a morte, pois isso é somente a ponta do *iceberg*. Para que uma pessoa aja de tal maneira contra um indivíduo de cor ou de qualquer outra raça, de maneira quase que evidente, pode-se subentender que houve uma construção social a qual fez a entidade a princípio agir de tal forma. E parafraseando o filósofo escritor do contrato social Jean-Jacques Rousseau, temos a seguinte afirmação: o homem nasce bom e a sociedade o corrompe (ROUSSEAU, 1792).

O entendimento do racismo sai então da sua esfera institucional, na qual as ações são o que dão o seu nome, para adentrar em sua camada mais interna. O que podemos denominar de núcleo. Que seja o centro no qual as raízes do preconceito estão firmadas. Atuando de forma semelhante ao subliminar na ordem/estrutura social, a fim de estabelecer e/ou normalizar preceitos e padrões sobre qual é a função, lugar, posição, estilo e ocupação de indivíduos de raças não ariana. Conforme Almeida (2019, p. 31):

Entretanto, algumas questões ainda persistem. Vimos que as instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social. Desse modo, se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar. Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista.

Por este motivo faz-se necessário entender como a sociedade de hoje em dia chegou ao seu estado atual. Conhecer a história é logicamente um passo importante para sabermos onde estamos inseridos. Porém, compreendê-la em seus complexos detalhes irá nos auxiliar a trabalhar o presente para então tentarmos transformar o futuro.

O racismo possui diversas faces, e quando ele não se mostra com uma delas ele se apresenta com uma máscara. A qual é por muitas vezes sedutora, precipuamente para alguns que acreditam em seus princípios. Essa máscara pode ser muito mais perigosa do que ela se mostra ser. O pior tipo de racismo é aquele que não se apresenta como racismo. Dessa forma, faz-se de suma importância a consciência racial, compreendida por Ribeiro (2019) como a capacidade de reconhecer as dinâmicas e estruturas raciais presentes na sociedade.

Conforme Ribeiro (2019), é crucial que as pessoas desenvolvam essa consciência para entender como o racismo opera de forma estrutural, influenciando várias esferas da vida. Isso envolve reconhecer não apenas os preconceitos individuais, mas também as desigualdades sistêmicas que afetam grupos raciais minorizados.

O estudo da mídia foi e sempre será problematizado por diversas perspectivas, as quais são provenientes de mentes diferentes e, nesse contexto, será tomado por um viés mais antropológico, social e sobretudo comunicacional, o qual permitirá uma visão mais ampla sobre o assunto. Nesta conjuntura o racismo, em sua concepção estrutural, e a representatividade serão os conceitos estudados. Como eles ocorrem e como se apresentam dentro do aspecto da comunicação midiática.

Não há como se combater um mal que não se conhece. Por isso a importância de se abordar o assunto. Como a mídia pode ainda permitir que atitudes e padrões racistas persistam em suas produções? Isso é de fato um reflexo verdadeiro da sociedade ou se trata de uma questão de uma resposta prevista e prescrita pelos meios de comunicação de massa?

Para contemplar a complexidade do estudo e para abarcar as diversas obras, produzidas pela grande mídia, que serão analisadas (filmes, séries, seriados, novelas, produções infantis) o formato de livro-reportagem documental se apresenta como uma opção viável. Permitindo uma maior liberdade da escrita e da escolha das imagens e outros artifícios que irão compor o *layout* do projeto/produto concernente a esse formato.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1. Objetivo Geral:**

Apresentar um debate sobre a representação e a representatividade da população negra existente nos produtos do mercado da comunicação e do entretenimento audiovisual no formato de um livro-reportagem documental.

#### **3.2. Objetivos Específicos:**

- Conscientizar sobre o racismo existente nas decisões criativas de um produto midiático;
- Estimular a visão crítica sobre programas e obras midiáticas, sobretudo na forma como produzem estereótipos ou visões distorcidas da realidade;
- Analisar alguns Filmes, Séries, Novelas e Produções Infantis que carregam e/ou tentam transmitir o protagonismo negro;
- Contribuir para o debate antirracista;
- Mostrar que a representatividade trabalhada na mídia nem sempre se configura como aparenta ou como deveria ser.

## 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diante da problemática apresentada, o racismo estrutural e a representatividade negra presentes nos produtos da mídia serão analisados à luz de duas teorias da comunicação. São elas: a teoria crítica da **Indústria Cultural** de Adorno e Horkheimer, desenvolvida na Escola de Frankfurt; o **Modelo das Mediações**, de Martín-Barbero, o qual será puxada uma ênfase na para o processo de institucionalidade.

### 4.1. Indústria Cultural:

Segundo Adorno e Horkheimer (1997) a indústria cultural é um “plano administrativo” que visa produzir cultura para o controle das massas. É uma lógica de produção, e que utiliza os meios de comunicação como instrumentos para propagar o seu discurso. A arte e a cultura são moldadas em um padrão que mantém o capitalismo em ordem. A criatividade não é mais incentivada nesse contexto, pois tudo deve ser conforme os padrões previamente estabelecidos de forma a afirmar a soberania desse sistema opressor, o qual distorce a cultura e a transforma em mercadoria, e faz o operário alienado trabalhar em favor da própria alienação.

No modelo comunicacional a indústria cultural opera como uma ideologia do sistema capitalista, que tem por objetivo sustentar/manter a classe dominante no poder. Um levantamento, feito em 2021 pelo [Observatório Equidade no Legislativo](#) (OEL) do Senado Federal, revelou que pessoas brancas representam 75% do número de parlamentares eleitos no Brasil. Já no mercado de trabalho, uma pesquisa feita pelo [IBGE](#) em 2018 mostrou que 68,6% das pessoas que ocupam cargos de gerência nas empresas são pessoas brancas, já em 2023 o número subiu para 69% contra 29,5% da população preta ou parda. Ou seja, a grande maioria da classe dominante atualmente é composta por brancos, e mesmo que a sociedade venha mudando e se tornando mais “tolerante” aos poucos, essas pessoas não gostariam de perder seus privilégios.

Sobre tais produtos midiáticos, interessa ressaltar que esses cumprem uma função psicossocial: naturalizar, no imaginário dos sujeitos, a realidade opressora na qual estão inseridos. Assim, as mensagens veiculadas pela mídia são atravessadas por uma ideologia que as molda segundo a imagem e semelhança do mundo tal como se apresenta sob o jugo do capitalismo. Deduz-se daí que o foco está mais em reforçar predisposições individuais, já conformadas ao status quo, que modificar percepções e linhas de conduta [...](PIRES, 2014, p. 29-30).

Em resumo, os produtos que são produzidos, de forma massiva pela indústria para uma sociedade de massa, carregam características ideológicas que estimulam a classe proletária a continuar sendo dominada pela classe superior, classe essa que tem o controle sobre a cultura. As pessoas são convencidas do discurso de dominação pois está baseado na legitimidade, nesse caso, a normalização da cultura branca predominante sobre a negra. Elas não são estimuladas a pensar por conta própria, e o intuito da indústria cultural é fazer com que elas acreditem ter controle sobre o que é produzido, mas na verdade estão condicionadas ao gosto padrão estimulado pela própria indústria cultural. O próprio Adorno (2001, p.21) explica que: “o consumidor não é, com a indústria cultural gostaria de fazer acreditar, o soberano o sujeito dessa indústria cultural mas antes o seu objeto”.

A Indústria Cultural conecta estruturalmente os meios de comunicação fazendo eles funcionarem de formas similares e carregando o mesmo discurso. Ela está presente no lazer do trabalhador, gera o conformismo e elimina o senso crítico. Como a indústria cultural não leva em conta o receptor, os emissores produzem produtos e conteúdos com o propósito de naturalizar a realidade opressora na mente das pessoas para que elas possam continuar vivendo dessa forma sem questionar. E os receptores são totalmente passivos e alienados nessa comunicação unilateral, pois recebem a mensagem sem ao menos questioná-la.

Vale ressaltar que, ao debater sobre representação e representatividade do negro nas produções audiovisuais, nosso referencial teórico opera na interseccionalidade com as questões raciais, sobretudo no contexto brasileiro. A exemplo do debate a respeito da desconstrução de estereótipos produzidos pela indústria cultural a respeito das minorias - mais especificamente a respeito dos negros, nosso objeto de estudo. Ribeiro (2019) destaca como os estereótipos raciais são construções sociais que perpetuam visões distorcidas e preconceituosas sobre pessoas pertencentes a determinados grupos étnicos. Desconstruir esses estereótipos no cinema e na televisão significa questionar e desfazer essas ideias preconcebidas, reconhecendo a diversidade e individualidade das pessoas independentemente de sua raça.

Ribeiro (2019) ressalta, ainda, que a conscientização sobre o impacto dos estereótipos e a necessidade de desconstruí-los são fundamentais para promover uma sociedade mais justa e igualitária, na qual as pessoas sejam vistas para além das generalizações e preconceitos baseados em sua raça ou etnia. Essa desconstrução, que pode se dar nas representações feitas dos negros no audiovisual contemporâneo, contribui para uma visão mais ampla e humana das pessoas, sem reduzi-las a estereótipos simplistas e prejudiciais.

É importante salientar que, mesmo com a criação de novas teorias, as quais acompanham as mudanças que ocorrem constantemente no modelo comunicacional, a teoria da indústria cultural ainda marca presença em alguns elementos e contextos atuais, uma vez que o capitalismo ainda permanece vigente em nossa sociedade. E principalmente quando avaliamos o quadro da perspectiva do emissor.

#### **4.2. Modelo Comunicacional das Mediações:**

Neste modelo o emissor e o receptor fazem parte de um circuito e o que os une são as relações de poder, um querendo sempre dominar o outro. O modelo das mediações é constituído pelos processos de mediação os quais permitem aos produtores e receptores se comunicarem através do acesso às matrizes/padrões culturais. Tais processos são: a Socialidade, a Institucionalidade, a Tecnicidade e a Ritualidade.

O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. [...] Mediação significava que entre o estímulo e resposta há um espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 154).

Em Socialidade, o objeto analisado são as interações pessoais, todo o processo de socialização, sendo através desse processo que se desenvolve as matrizes culturais. Ou seja, os roteiristas tendem procurar fatos e personalidades comuns/estereótipos na sociedade para construir uma narrativa com a qual as pessoas se identifiquem.

Na Institucionalidade é colocado em evidência alguns traços retirados da matriz cultural, e essa ênfase pode ser premeditada, visando obter algum lucro por meio desta. Os fatos e personalidades/estereótipos que foram extraídos da sociedade são então explorados mais a fundo. O que resulta, por exemplo, em uma personalidade genérica de uma personagem. E é nesse exato processo que a mídia de massa pode trabalhar o reforço da mensagem racista. Que se apresenta de forma velada e subliminar para quem consome o conteúdo.

Na Tecnicidade a mensagem, constituída das matrizes culturais que foram institucionalizadas, toma um formato industrial através de algumas técnicas utilizadas pelos emissores que possuem estas lógicas de produção. Toda a produção e edição é planejada de forma que o público possa ter uma aceitação maior dos discursos que estão sendo levantados pelo produto.

Na Ritualidade é levado em conta a maneira como os receptores vivem as suas vidas, o seu cotidiano que mais parece um ritual, sempre repetindo as mesmas atividades, dia após dia, nos mesmos horários de sempre. O emissor tenta encaixar a sua mensagem produzida dentro do cotidiano do indivíduo e dessa forma todo o conteúdo é pautado e programado pelo tempo do cotidiano das pessoas. Atualmente as séries televisivas tem seu espaço quase que garantido dentro dos serviços de streaming.

A ideologia racista pode manifestar-se sob a forma de doutrina nas concepções face ao mundo, numa determinada visão da história, na filosofia e em teorias pseudo-científicas (TAGUIEFF, 1987, p. 228). Fundamenta-se em ideias que postulam o determinismo biológico dos comportamentos, associado à hereditariedade biopsíquica ou biocultural diferencial, bem como às desigualdades entre grupos “superiores” e “inferiores” (TAGUIEFF, 1987, p. 229), o que não deixa de ser uma forma de diminuir o outro retirando daí vantagens, como é referido oportunamente por Memmi (1993).(MENDES, 2012, p. 110).

Esse modelo nos confirma que tudo o que consumimos foi produzido e conduzido de forma arquitetada para transmitir uma mensagem que contém sempre uma ideologia (boa ou ruim), e que pode ser explícita ou não. A representatividade negra pode ser uma ideologia tanto positiva quanto negativa a depender da sua aplicação durante a o panorama da tecnicidade, entretanto o racismo estrutural em si, já se configura como uma ideologia inconveniente e prejudicial.

Por outro lado, com base na interseccionalidade das discussões do nosso referencial com o debate racial, esse modelo nos ajuda a discutir o racismo estrutural que vem se produzindo historicamente no Brasil. Isto porque, de acordo com Jessé de Souza (2017), o racismo estrutural se manifesta de forma sistêmica, influenciando as oportunidades e os destinos de vida das pessoas com base na sua raça. O racismo está presente nas estruturas de poder e nas políticas públicas; dessa forma, influenciará nas decisões a respeito da destinação de recursos e do lugar de protagonismo que a população negra terá no audiovisual brasileiro.

O racismo estrutural não se limita a atos individuais de discriminação, mas é mantido e reproduzido por instituições que perpetuam desigualdades, criando um ambiente que favorece determinados grupos em detrimento de outros, especialmente afetando a população negra (Souza, 2017). Se considerarmos que temos uma elite cultural composta por pessoas brancas, que comandam as produtoras audiovisuais, conseguem definir as políticas de fomento à cultura e conseguem os maiores financiamentos para as produções, isto conseqüentemente se repercutirá na representatividade do negro no audiovisual.

## 5. METODOLOGIA DO LIVRO

O projeto teve como finalidade a produção de um livro-reportagem em formato documental, que discutiu a temática do racismo estrutural e da representatividade presentes em filmes, séries, novelas e produções infantis. Apresentando um conteúdo que possui bastante relevância para a sociedade atual, e que auxiliará no esclarecimento e no debate sobre o assunto, trata-se portanto de uma pesquisa básica e explicativa.

### 5.1. Pautas:

De início foi realizada uma reunião juntamente com o orientador para mapeamos o melhor caminho que atendesse aos objetivos desta produção. Já com o tipo de produto e gênero do jornalismo definido (livro-reportagem) consideramos formular a estrutura do livro e quais seriam as pautas abordadas. Além da introdução, o livro deveria contar com mais 6 (seis) capítulos antes da conclusão.

Cada um desses capítulos trataria sobre uma pauta dentro do assunto principal. Nos dois primeiros capítulos, intitulados “Aspectos Históricos” e “Contemporaneidade” respectivamente, foram abordados como se iniciou a trajetória do povo negro na indústria midiática e quem foram os grandes nomes responsáveis por darem os primeiros passos da representatividade diante uma sociedade completamente racista. Também foram abordadas as práticas que eram realizadas no cinema e na TV para afastar artistas negros de papéis de protagonismo e também de marcar a posição social dos negros na sociedade como pessoas marginalizadas e sem cultura.

Nos 4 (quatro) capítulos seguintes, os quais são nesta ordem: “Filmes”, “Séries e Seriados”, “Novelas” e “Produções Infantis”, foram analisados alguns estudos de caso de acordo com a proposta do capítulo. Tanto produções americanas quanto brasileiras serviram como objeto de análise. Dentre os filmes abordados estavam “Pantera Negra” (2018) e “Medida Provisória” (2022), os quais foram discutidos a questão da decolonialidade e qual é o lugar do negro no cinema brasileiro.

No capítulo referente às séries e seriados, as séries “Julia” (1968) e “Black-ish” (2014) trouxeram ao debate dos estereótipos levantados na mídia em relação aos negros, e também o colorismo, que é a discriminação racial baseada na cor da pele que existe entre as pessoas da mesma raça. Ao tratarmos sobre novelas, “Da Cor do Pecado” (1999) e “Vai na Fé” (2023)

foram escolhidas para demonstrar os avanços que a representatividade negra teve nas últimas décadas e como se deu esse processo.

Já para as produções infantis, o filme “A Princesa e o Sapo” (2009), o *live action* “A Pequena Sereia” (2023), e a novela brasileira “A Infancia de Romeu e Julieta” (2023) foram mencionados para tratar da desumanização de personagens negros e sobre a recente explosão de novos espaços de representatividade para crianças negras na mídia. Além dessas, outras produções também foram citadas enriquecendo ainda mais o debate. Cada uma trouxe perspectivas e conceitos diferentes, porém complementares, à obra.

## **5.2. Pesquisa:**

A princípio, para elaboração do projeto, foi necessário catalogar, observar e examinar algumas produções midiáticas, ou seja, uma pesquisa bibliográfica e documental que se manifestou em alguns estudos de caso no decorrer dos capítulos do livro com uma abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa. Os produtos devem carregar em sua tecnicidade e mensagem os conceitos e ideologias provenientes do racismo e/ou que propague a representatividade ou a tentativa da mesma, seja ela feita de forma correta ou não. Essa pesquisa e análise das produções foram realizadas no mês de junho, julho e agosto de 2020.

Em paralelo a isso foram iniciadas as leituras e pesquisas em livros, revistas, artigos e documentos que abordam sobre o assunto, como o livro *Racismo Estrutural* de Silvio Almeida e *Mídia e Racismo* de Roberto e Rosane Borges, a fim de se obter mais conhecimento e ter mais referências para aplicar no decorrer da produção. Foram assistidas lives e vídeos de jornalistas e escritores que são especialistas no assunto como Denis de Oliveira, Joel Zito Araújo, Muniz Sodré e outros nomes. Conteúdos que possuíam a temática sobre raça e racismo, indústria cultural, modelo das mediações, representatividade, negritude, TV, séries, filmes, ativismo e movimentos sociais.

## **5.3. Entrevistas:**

Nesse mesmo período foram iniciadas entrevistas com profissionais nas áreas de educação, comunicação, antropologia, sociologia e arte. Estavam previstos jornalistas, professores, atores, autores, políticos, ativistas, e influencers digitais negros. Ao todo foram selecionadas 4 (quatro) personagens negros: Ulisses Arthur, diretor de cinema em Maceió; Arísia Barros, que é professora, ativista, redatora, publicitária, escritora e blogueira, também é presidente do Observatório Estadual de Políticas para Promoção da Igualdade Racial, o

OEPPIR-AL; Tatiana Tiburcio, atriz da TV Globo, professora, diretora e preparadora de elenco, Vinícius Almeida, que é ativista e *influencer* digital.

O intuito era o de utilizar esse material como base para fundamentar o texto e como depoimentos para o livro-reportagem. Entretanto, estes depoimentos tomaram uma proporção bem maior do que o planejado, devido a sua complexidade e peso de fala das personagens, e acabaram por ganhar um espaço e diagramação exclusivos dentro do livro.

As entrevistas foram feitas de forma online através do contato com as fontes pessoalmente, por e-mail e pelas redes sociais. As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas através de uma ferramenta de inteligência artificial, para agilizar o processo. Após isso, o texto foi revisado e corrigido. As entrevistas ficaram dispostas no livro após cada capítulo, a partir do terceiro, de acordo com a temática abordada no capítulo anterior, de forma a complementar e trazer um testemunho pessoal ao que foi abordado.

#### **5.4. Produção:**

Logo após foi dado início a escrita do conteúdo do livro-reportagem, fazendo o uso dos métodos científicos: indutivo, dedutivo e também comparativo. O livro assumiu um formato documental com imagens, ilustrações, gráficos, infográficos e hiperlinks. O texto discorreu em uma linguagem atual e de fácil entendimento para todos os públicos. Facilitando assim, não só a leitura mas, o entendimento do leitor sobre o conteúdo de maneira didática e agradável. À medida que os capítulos eram desenvolvidos também foram revisados pelo orientador, e logo após isso, ocorreram ajustes e/ou adições de mais conteúdos.

#### **5.5. Diagramação/Projeto Gráfico:**

Com grande parte dos textos, imagens e conteúdos adicionais já organizados em uma pasta começou o processo de diagramação do livro. Nesse momento foram decididas a tipografia, paleta de cores, layout, imagens, e os elementos pré-textuais, as divisões dos capítulos e outros elementos. O livro foi criado em formato digital (*e-book*), porém diagramado no estilo de revista e catálogo, de modo que este pôde também adotar e comportar um formato impresso.

A fonte utilizada nos textos foram as da família Helvética, em tamanhos variados de acordo com o tipo de texto. O layout do livro foi trabalhado para se adequar ao tamanho de uma folha A5, a qual possui 148 x 210 mm. Nos capítulos normais foi utilizado um fundo branco, sem nenhum elemento de fundo, para que a leitura fosse fácil e agradável aos olhos. Já nos capítulos das entrevistas a cor cinza claro foi usada para diferenciar dos demais

capítulos. Na capa foi usada um fundo de TV fora do ar e um jovem negro com uma tarja preta nos olhos para simbolizar a resistência do povo negro diante de uma mídia que não concedia seu devido espaço de representatividade. O livro também conta com um acervo de imagens selecionadas das produções analisadas provenientes de bancos de imagens, como também fotografias autorais.

Em relação à capa (figura 2), propusemos trabalhar com o conceito de uma televisão estatica e fora do ar, juntamente com um desenho de um jovem negro sem rosto, com os braços cruzados e um tarja preta na altura dos olhos. Todo o conjunto remete a situação de como os negros realmente são tratados pela mídia, ou seja: poucas aparições e quando são cedidas oportunidades geralmente são retratados como criminosos, empregados domésticos, e em outras posições de vulnerabilidade social. Como se os negros estivessem “fora do ar”.

Como é possível ver na reprodução abaixo (ver Figura 2), o rapaz negro sem rosto e com a tarja preta nos olhos simboliza a falta de representatividade e representação de indivíduos negros nas telas. Já os braços cruzados representam a indignação com essa problemática e o questionamento sobre o que será feito para sua resolução.

Figura 2: Capa



## Arte da capa - Imagem: Thiago Oliveira

Já no miolo da obra construímos um *layout* padrão que seguisse o conceito de TV estática e fora do ar da capa do livro. Todo o projeto foi diagramado no programa Adobe Indesign. Foram criados quatro tipos de páginas mestre diferentes. Uma para o texto padrão do livro (figuras 3 e 4). Dois layouts diferentes para os inícios de capítulos e de entrevistas (figuras 5 e 6), e mais uma para o texto das entrevistas (figuras 7 e 8).

Figuras 3 e 4: Texto Normal

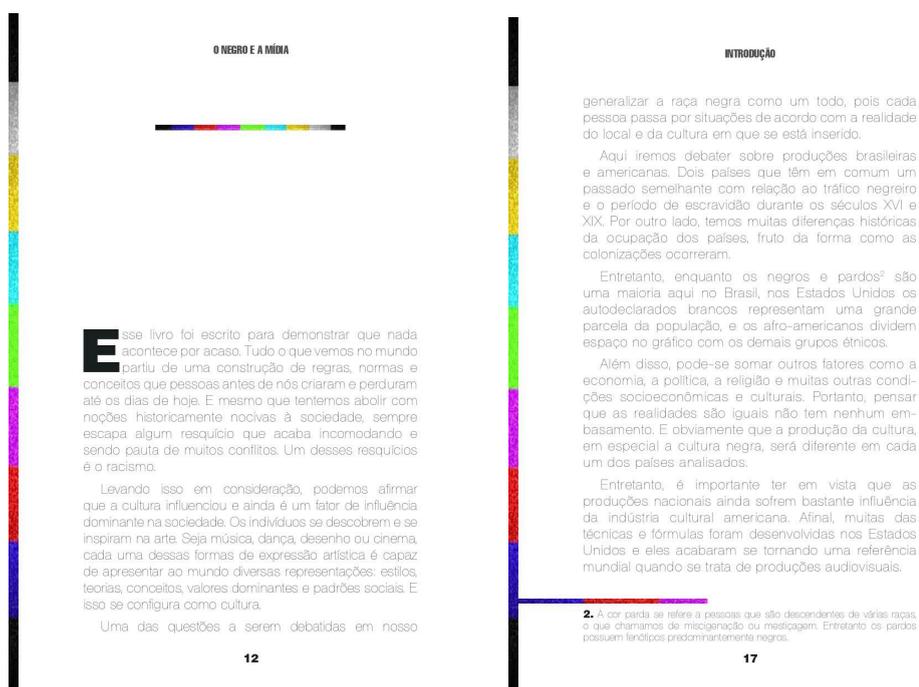


Imagem: Thiago Oliveira

Figuras 5 e 6: Capas dos Capítulos e Entrevistas



Imagem: Thiago Oliveira

Figuras 7 e 8: Layout Padrão dos textos das entrevistas

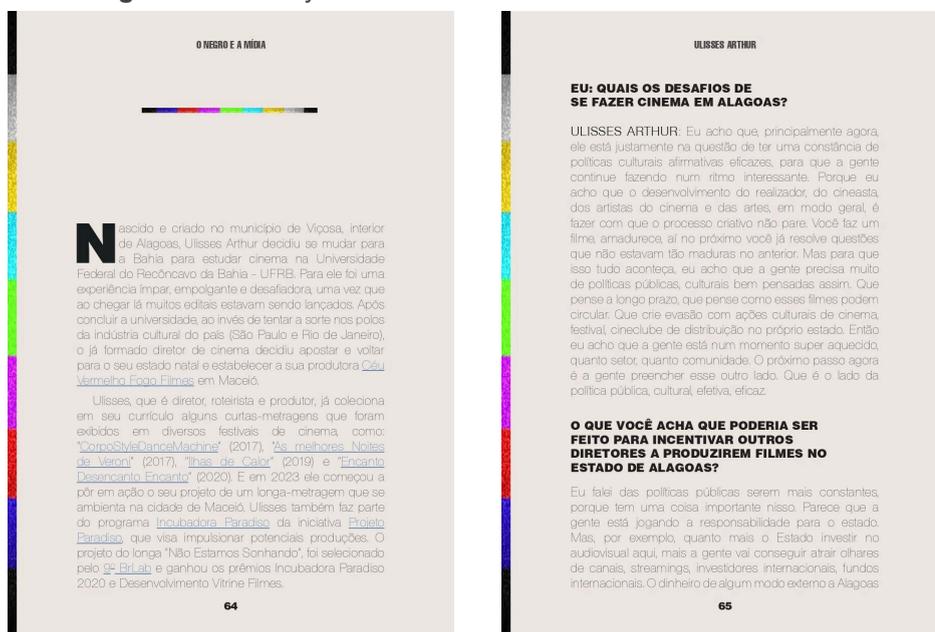
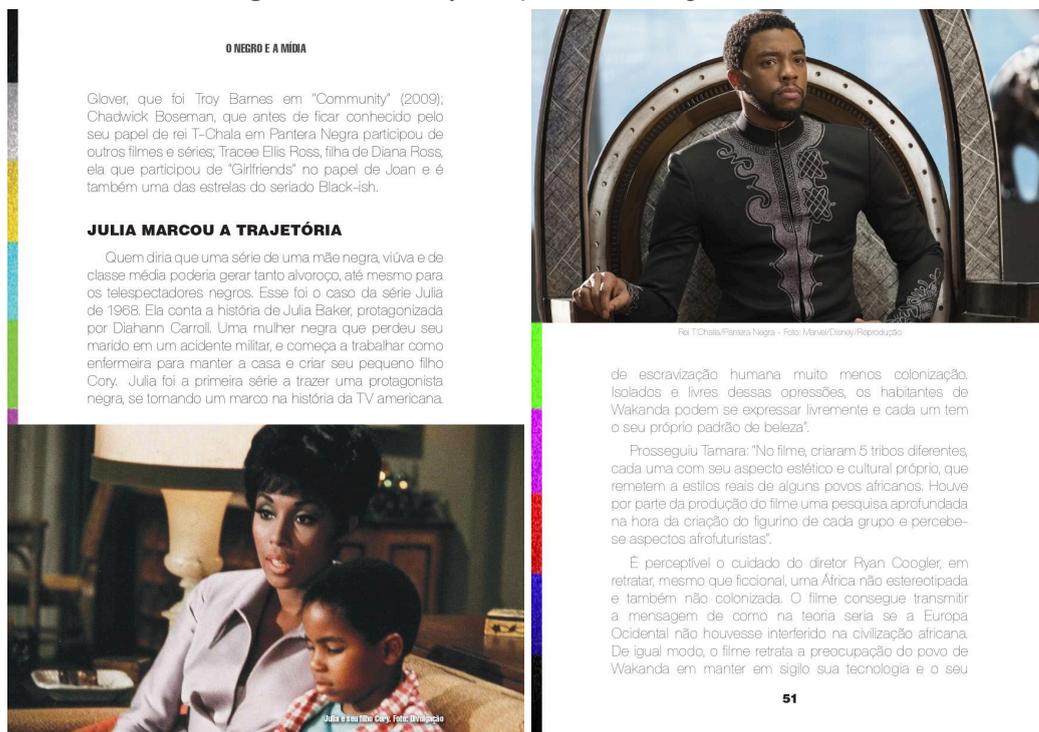


Imagem: Thiago Oliveira

Foram criados grids padrões no *layout* tanto para os textos normais e de rodapé quanto para as imagens (figuras 9 a 12) que foram inseridas.

### Figuras 9 e 10: Layouts para uma imagem



Meia página - Imagem: Thiago Oliveira

### Figuras 11 e 12: Layouts para 2 e 3 imagens



Página inteira - Imagem: Thiago Oliveira

Outros pequenos detalhes também foram adicionados no *layout*, como o sumário com links e os links que direcionam para vídeos externos ao ebook (figuras 13 a 14).

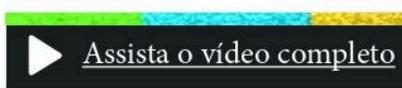
**Figuras 13:** Layout do Sumário

<b>SUMÁRIO</b>	
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 - ASPECTOS HISTÓRICOS</b>	<b>22</b>
OS PIONEIROS	23
QUAL ERA O LUGAR DO NEGRO NO AUDIOVISUAL?	28
O FENÔMENO DO BLACKFACE	29
SER OU NÃO SER NEGRO	31
<b>2 - CONTEMPORANEIDADE</b>	<b>34</b>
WHITEWASHING	36
COTAS RACIAIS	37
REPRESENTATIVIDADE X REPRESENTAÇÃO	43
<b>3 - FILMES</b>	<b>46</b>
DECOLONIALIDADE EM WAKANDA	49
CINEMA NEGRO BRASILEIRO	52
LUGAR DE MULHER NEGRA TAMBÉM É NO CINEMA	58
<b>ENTREVISTA COM ULISSES ARTHUR</b>	<b>63</b>
<b>4 - SÉRIES E SERIADOS</b>	<b>70</b>
DO CINEMA AO STREAMING	72

Imagens: Thiago Oliveira

**Figuras 14:** Layout dos links para vídeos

de algum modo privilegiando aqueles que estão mais próximos do branco. E tirando privilégios daqueles que estão mais próximo da cor do negro."



O influenciador digital e estudante de história [Vinícius Almeida](#) aborda o colorismo como uma de suas pautas nas mídias sociais. Ele reagiu a um [vídeo da cantora Vanessa da Mata](#) no qual ela fala sobre como ela se identificou

Imagens: Thiago Oliveira

Com a finalização da diagramação, todo o material foi revisado e, quando necessário, alterado de acordo com a demanda. Se pretende com a produção desse livro-reportagem que a sua mensagem alcance de forma direta e sem meios termos a todos os públicos.

Para que estes venham a não somente ser conscientizados sobre como o discurso do racismo fez e ainda faz parte da mídia, mas que essa problemática possa estimulá-los a enxergar as produções com outros olhos. Um olhar crítico e que busca encontrar a verdade por trás de tudo. Ao mesmo tempo em que estejam alertas quanto ao poder da mídia de influenciar na manutenção da ordem e de propagar ideologias que possam ser danosas à sociedade, e neste caso, o racismo.



## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais achamos que sabemos sobre um assunto, a realidade nos mostra que na verdade temos muito o que aprender. Durante a produção deste livro-reportagem me deparei com novos conceitos os quais não havia ouvido falar anteriormente. Tenho para mim que o processo de construção desse material serviu primeiramente para o meu crescimento intelectual e social antes de tudo; acima de tudo me forneceu subsídios para uma conscientização racial mais profunda. Como podemos ensinar sem antes conhecer? Essa pergunta foi de grande incentivo para prosseguir buscando mais informações.

Informações estas que quando reunidas em um único lugar, não somente facilitam o entendimento sobre o assunto como também agilizam o processo de busca e acesso. Por isso houve o cuidado em selecionar temas e conceitos conhecidos e pouco conhecidos, e explicá-los à luz de produções que os tinham como uma forte característica. Pois é mais prática a absorção dos conteúdos quando são utilizados exemplos.

Mesmo que cada pauta e cada entrevista tenham sido planejadas, outros nomes também foram levantados para as entrevistas, e houveram muitas modificações ao longo do percurso. Uma das grandes conquistas foram os entrevistados, pessoas que estão envolvidas diretamente com a luta antirracista na mídia, que prontamente aceitaram o convite e disponibilizaram parte do seu tempo para fazer parte desse projeto.

O debate sobre o racismo no audiovisual é bastante complexo. Ao longo da história, filmes e séries têm abordado o tema do racismo de várias maneiras, seja na temática ou no lugar que o negro ocupa nessas produções. Isto tem refletido e influenciado a percepção da sociedade sobre o tema, em debates sobre a produção de estereótipos e a representatividade.

Algumas produções trazem a questão racial como central, explorando narrativas que revelam as lutas, desafios e injustiças enfrentadas por pessoas de diferentes origens étnicas. Esses filmes podem gerar empatia, conscientização e mudanças de atitude. Por outro lado, muitas produções foram criticadas por perpetuar estereótipos raciais e reforçar desigualdades. Durante décadas, muitos filmes retrataram minorias de maneira estereotipada ou marginalizada, contribuindo para a perpetuação de preconceitos e desinformação; a exemplo do "black face", que discutimos em nosso livro.

Nos últimos anos, tem havido uma maior diversidade de vozes e narrativas no cinema e na televisão, com mais produções com cargos de direção compostos por pessoas de diferentes origens étnicas. Essa mudança tem levado a uma representação mais próxima da realidade e variada de experiências raciais e culturais. Além disso, o debate sobre racismo no

audiovisual envolve também discussões sobre representatividade, inclusão e oportunidades para profissionais da indústria cinematográfica de origens diversas.

Pude concluir que existe ainda uma real necessidade de se debater sobre a temática do protagonismo negro e sobre o racismo estrutural, tanto a respeito da representação quanto da representatividade. Meu trabalho é apenas uma contribuição nesse debate, que carece de maiores reflexões para além do campo da cultura. Filmes e séries contemporâneas têm abordado o negro refletindo a diversidade de experiências e perspectivas sobre a questão. Eles têm sido importantes para gerar discussões sobre o racismo, promovendo a conscientização e estimulando mudanças sociais. Pois mesmo que a sociedade tenha se mostrado intolerante ao racismo existem ainda situações costumeiras que precisam ser mudadas, e para isso precisam ser entendidas e debatidas por quem quer que seja, independente de raça.

Parafraseando os filósofos Edmund Burke e George Santayana posso afirmar que: uma raça que não busca entender sobre o seu passado está deixando brechas para que os mesmos males se repitam. É por este motivo que desejo que este livro sirva como mapa para esta e para as futuras gerações, norteando o caminho pelo qual os negros tiveram que trilhar dentro da indústria que produz a cultura para chegarem onde estão hoje. E que assim concluam quais os próximos passos a serem tomados.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Résumé sobre indústria cultural**. Revista Memória e Vida Social: História e Cultura Política, Assis, vol. 1, maio 2001, p. 20-27.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. - São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. Disponível em:  
<[https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo\\_estrutural\\_fe\\_minismos\\_-\\_silvio\\_luiz\\_de\\_almeida.pdf](https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_fe_minismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf)> Acesso em: 15 abr. 2023.

ANCINE apresenta estudo sobre diversidade de gênero e raça no mercado audiovisual. Gov, 2018. Disponível em:  
<<https://www.gov.br/ancine/pt-br/assuntos/noticias/ancine-apresenta-estudo-sobre-diversidade-de-genero-e-raca-no-mercado-audiovisual>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

BATISTA, W. M.. **A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural**. Revista Direito e Práxis, v. 9, n. 4, p. 2581–2589, out. 2018.

**BRANCOS dominam representação política, aponta grupo de trabalho**. Agência Senado, 2021. Disponível em:  
<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/11/26/brancos-dominam-representacao-politica-aponta-grupo-de-trabalho>> Acesso em: 10 mai. 2023.

HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W., **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARTÍN-BARBERO, J. **Os métodos: dos meios às mediações**. In. \_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 258-322.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol XXIII, n. 1, jan-jun. 2000.

MENDES, M. M. **Raça e racismo: controvérsias e ambiguidades** / Race and racism: controversies and ambiguities. Vivência: Revista de Antropologia, [S. l.], v. 1, n. 39, p. 101–124, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/1938>> . Acesso em: 13 abr. 2023.

OLIVEIRA, Israel Dias de. **Elementos do livro-reportagem: conceitos básicos do processo editorial para estudantes de jornalismo e jornalistas independentes** — (eBook) / Israel Dias de Oliveira. — São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2017

PIRES, Welkson. **Perspectivas tradicionais da comunicação: problematizando dicotomias**. In. \_\_\_\_\_. Por uma perspectiva relacional da comunicação: um olhar sobre o nexos indivíduo-telenovela. 2014. 136f.. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014, pp. 25-31.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROUSSEAU, J-J. **O contrato social**. In: *Oeuvres complètes*, tome III. Collection “Pléiade”. Paris: Gallimard, 1757.

SOUSA, Jessé. **A Elite do Atraso**: Da Escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Editora Leya, 2017.

**TOTAL de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE**. G1, 2022. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>> Acesso em: 13 abr. 2023.